ANNAES

DA

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA LUSITANA.

N.º 1.

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL.

1850.

ANNAES

DA

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA LUSITANA.

N.º 1.

INTRODUCÇÃO.

Sapientiam omnium antiquorum exquiret sapiens.
Eccles. c. 39. v. 1.

A *Archeologia*, segundo *Millin*,[1] é a sciencia conhecida vulgarmente sob o nome de *Antiguidades:* o que a possue chama-se *Archeologo*, e mais vulgarmente *Antiquario:* o primeiro nome, porém, é mais generico, porque o estudo das Antiguidades está comprehendido no da Archeologia, o qual *versa sobre os monumentos antigos, e os costumes e usos, que chegaram até nós;* dá-se comtudo o nome de *Archeologo* ao que estuda os *costumes e usos*, e o de *Antiquario* ao que estuda os *monumentos*, o qual tem tambem o nome de *Archeographo.*

É por tanto universal o dominio d'este estudo, pelo qual nos constam as leis, a historia, a religião, os usos e costumes dos antigos, e a filiação natural de muitos dos modernos, cujas origens vulgarmente se ignoram; os principios, progressos e decadencia das artes; aquellas em que mais se distinguiram, e em fim, tudo quanto pode interessar a insaciavel curiosidade humana, curiosidade justificada e louvavel, porque é tão natural aos homens a indagação do que que pensaram e fizeram os que os precederam nesta terra

---

[1] Introductions a l'étude de L'Archéologie.

em que a Providencia os collocou, como é natural que cada um procure saber de quem descende.

Entre os muitos objectos em que póde exercitar-se este estudo, têem distincto logar os edificios e construcções dos antigos, pelo conhecimento que nos dão das differentes ordens de architectura e da variedade e riqueza de seus ornatos. O estudo da pintura e esculptura, da numismatica e lapidaria, dos instrumentos, vasos e mil outros objectos, que ainda nos restam da antiguidade, é menos estudo, que encanto, pela amenidade da materia, em que o util alterna com o agradavel, dando a estes estudos o sabôr do delirio. — Pelo decurso dos ANNAES mostrarei praticamente a utilidade delles, e apontarei as precauções e regras, que devem têr-se de sôbre mão, para que não damnem á verdade, em vez de ser-lhe proficuos.

Historia da fundação e trabalhos da Sociedade Archeologica Lusitana, inaugurada na villa de Setubal no dia 9 de novembro de 1849.

NA margem esquerda do Sadão, e não longe da foz do mesmo, jazem dispersas as ruinas de uma cidade, que os antiquarios suppõem ser a antiga *Cetobriga*.

Não é possivel andar por entre aquellas ruinas; achar alli com pasmosa facilidade moedas romanas; vêr na extensão de quasi uma legoa os destroços dos edificios; encontrar agora fragmentos de amphoras; logo lampadas de barro; aqui troços de marmore; acolá vasos de differentes feitios; não é possivel, dizemos nós, vêr, examinar e estudar tudo isto, sem que ao mesmo tempo se sinta nascer e crescer na alma um sentimento de curiosidade, um desejo intenso de explorar estas ruinas, e investigar a causa que as produziu, visto que os livros sómente nos dizem que por alli existíra uma cidade, que tinha o nome de *Cetobriga*.

Como desappareceria *Cetobriga?* Caíria por decadencia do commercio e abandono successivo? Que lição nos estão dando suas ruinas? Attestarão os effeitos da guerra? Estarão alli como exemplo da punição de grandes erros? Quem o sabe?!

Seria talvez um cataclismo, uma irrupção violenta do mar, um terremoto que subvertesse a cidade? Estarão alli sepultadas as riquezas de seus habitantes? Por que se não ha de fazer alli uma excavação? Oh! as ruinas são sempre uma pagina sublime do grande livro da humanidade! Mal haja quem as não estuda, quem as não comprehende, quem comprehendendo-as não aproveita suas lições!

Estas e outras reflexões, que brotam espontaneamente na alma de quem visita aquellas ruinas, e que a sós comsigo fazem, mais ou menos, todos os que as contemplam, deveriam, sem dúvida, desde longa data, ter feito impressão no ânimo dos habitantes de Setubal, e com especialidade no dos fundadores da Sociedade.

Com effeito, alguns delles, levados de sua vocação archeologica, passavam dias inteiros no meio daquellas ruinas, retirando-se sempre com alguns achados, e trazendo, cada vez mais, gravada na alma a conveniencia de fazer-se alli uma excavação regular.

Pois ha de fazer-se! exclamaram elles um dia, em uma explosão de enthusiasmo. Metteremos hombros a essa empreza.

Mas os fundos para obra tão colossal?

Fundaremos uma associação para esse fim, e teremos um Protector e um Presidente, que affiancem, por sua posição social, o progresso da empreza. — Agradou a idéa.

Poucas vezes emprezas começadas no meio de tamanho enthusiasmo, deixam de tocar o fim a que se propõem, quando são bem dirigidas.

Um mez depois, em 9 de novembro de 1849, uma das maiores illustrações d'este paiz, s. ex.ª o sr. duque de Palmella presidia, em Setubal, á sessão solemne da inauguração da Sociedade. Poucos dias depois (no 1.º de dezembro), uma deputação de dez Socios, presidida pelo ex.^mo duque, beijava no Paço das Necessidades a mão a Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Fernando, em prova de reconhecimento e gratidão pela alta mercê que Se Dignou de fazer á Sociedade, assumindo o titulo de seu Protector.

(Continúa)

Explicação de uma taça de prata de artificio romano, achada nas ruinas da antiga Cetobriga no anno de 1814, e existente em casa do ex.^{mo} sr. duque de Palmella.

A TAÇA, que vou explicar, tinha entre os romanos o nome de *Patera*, especie de copo de pouco fundo e bôcca larga ou patente, como indica o mesmo nome. [1]

A materia ordinaria d'estes vasos era o barro, o bronze, a prata, e tambem o ouro. Alguns delles eram lisos, outros, porém, tinham lavores e relevos, e tal é o que vou explicando, o qual tem, além d'isto, alguns embutidos de ouro. As *pateras* de lavores eram designadas pelos nomes proprios dos objectos que elles figuravam, e eram chamadas *pampinatas, heredatas*, e *filicatas* aquellas cujos lavores figuravam *pampanos de vide, folhas de era*, ou *ramos de feto*, e assim das mais.

A *patera* era objecto de culto religioso, e servia nos sacrificios para derramar o vinho na cabeça das victimas, [2] para receber-lhes o sangue, [3] e tambem para fazer libações nos publicos banquetes. [4]

Mas, com quanto fosse objecto do culto religioso, nem por isso era pertença exclusiva dos templos publicos, pois que

---

[1] Patera enim, ut et ipsum nomen indicio est, poculum planum ac patens est. — *Macrob. Saturn. Lib.* 5. *cap.* 21.

[2] Ipsa tenens dextra pateram pulcherrima Dido,
Candentis vaccæ media inter cornua fundit.

Virgil. Æn. 4.° ℣. 60.

Admoti quoties templis tum vota sacerdos
Concipit, et fundit purum inter cornua vinum.

Ovid. l. 7. *Metam.*

[3] Tepidumque cruorem
Suscipiunt pateris.

Virgil. Æn. 6.° ℣. 248.

[4] In poculis erant Pateræ, eo quod pateant, Latine ita dictæ Hisce etiam nunc in publico convivio, antiquitatis retinendæ causa, cum magistri fiunt, potio circumfertur, et in sacrificando deis, hoc poculo magistratus dat deo vinum. — *Varro. L.* 4. *de L. L. cap.* 26.

Cicero nos diz [1] que, antes da depredação de *Verres*, quasi todas as casas da *Sicilia* tinham *pateras* e *acérras* de prata, [2] o que prova quanto se tinham generalisado nesse povo os oratorios e sacrificios particulares, para os quaes tinham os romanos uma liturgia distincta da que regulava os sacrificios publicos, designada pelos nomes de *Sacra Privata*, ou *Sacra Gentilitia*, e zelavam religiosamente a observancia d'esse ceremonial sagrado, cuja guarda e conservação lhes eram ordenadas pelas leis. [3]

Por este motivo as casas particulares eram consideradas como logares santos, e nellas se erigiam aras, e faziam sacrificios, como nos diz *Cicero* na bella oração que fez em defesa de sua casa. [4]

Explicaremos agora os symbolos da nossa *patera*.

Os antiquarios mais austeros, homens de sciencia recondita e profundissima, pretendem que todos os rasgos e buriladas dos antigos artistas encerram doutrina abstrusa, e mysterios de summa profundidade. Os mais relaxados, pelo contrario, zombam desta exaggeração, e pretendem que o trabalho d'esses artistas teve unicamente por fim o ornato das obras em que queriam aprimorar-se; que esse trabalho foi sempre determinado pelo espaço e capacidade que lhes offereciam os objectos em que se exercitavam, e que na preferencia que davam a taes e taes symbolos ou figuras, predominavam o genio e inclinações particulares dos artistas, e não o espirito de systema e doutrina, que lhes suppõem os primeiros. Tomarei pelo caminho do meio, por que me parecem viciosos estes dois extremos.

---

[1] Cic. Verrin. 4. c. 21.

[2] *Acerra :* Especie de naveta em que os antigos guardavam o incenso.

[3] Ritus Familiae Patrumque Servanto. — Sacra Privata Perpetua Manento. — *Cic. Lib.* 2 *de Leg. cap.* 8. *et* 9.

[4] Quid est sanctius, quid omni religione munitius, quam domus uniuscuiusque civium? Hic arae sunt; hic foci; hic Dii Penates; hic sacra, religiones, cerimoniae, continentur. — *Cic. in Orat. pro Domo sua, cap.* 41.

A primeira vez que examinei os lavores desta patera, deume logo nos olhos o tridente, cuja haste atravessa pela cabeça a um polvo, perfeitamente figurado. O tridente fez lembrar *Neptuno*, que na escriptura symbolica é representado por elle: [1] e está aqui como symbolo do podêr deste deos sobre todos os aquateis, entre os quaes era o polvo (*Polypus*) um dos mais reveis ao sceptro de *Neptuno*. [2]

A variedade de peixes figurados na patera, não desdiz do objecto, porque todos elles eram consagrados a *Neptuno* e familia sua. [3]

No lado opposto, e no ponto que diametralmente corresponde ao tridente, está o *prefericulo*, o *simpuvio*, e a *secespita*, instrumentos proprios dos sacrificios: está tambem uma victima, e se estivesse mais perfeitamente figurada, poderia indicar-nos a divindade a quem alludia o sacrificio. Póde ser um cordeiro, victima consagrada a Neptuno, [4] e em geral a todos os deoses, como pura e casta: [5] tambem póde ser um cabrito, e neste caso alludiria o sacrificio a *Thetis*, [6] que foi uma das muitas esposas que teve *Neptuno*; [7] comtudo, a cabeça da victima e principalmente as orelhas são de todo similhantes ás da lebre, animal consagrado a *Venus* e a *Baccho*. [8] Junto do *simpuvio*, e como que abrigada á sombra de um arbusto, está uma cabra, animal consagrado ás

---

[1] Mangeart. pag. 202.

[2] Polypus ægre multis tridentibus confici potuit.

Plin. l. 9. c. 30.

[3] Aguoscitque suos Neptunus in æquore pisces.

Manil. l. 2. rerum astronomicarum.

[4] Legitime regi Neptuno sacra peregit,
Agno, tauro aproque sues qui suevit inire.

Homer. Odyssea.

[5] Festus. ad Varr. L. 4. L. L. cap. 19.

[6] Hanc mihi dat Crocylus, cum Nymphis forte capellam Mactaret. — *Theocritus. in Viatoribus.*

[7] Sallustio, o philosopho, no livro — *De diis et mundo* — diz, que Thetis foi — *Conjux Neptuni et Nympharum mater.*

[8] Philostratus. L. 1. Icon.

Nymphas, como já dissemos, consagrado tambem a *Esculapio*, e victima propria de *Plutão*. [1]

Parece-nos, porém, desnecessaria a averiguação individual de todos os objectos effigiados na patera, porque, por mais voltas qne dêmos ao juiso, nunca poderemos applicar a uma ou outra divindade todos os symbolos ou attributos que nella se figuram.

Como poderemos applicar a *Neptuno*, ou a *Thetis* o gallo e a gallinha, que nella se representam, entre outras aves, plantas e fructas, que por mal figuradas serão sempre indecifraveis? Poderemos dizer que, os que parecem gallo e gallinha, não são o que representam, mas sim aves alcyoneas, e como taes gratissimas ás Nereidas, e applicaveis a Thetis: [2] deste modo, porém, explicaremos o que na patera deveria estar figurado, mas não o que nella se figurou. Sejam por tanto o tridente e os peixes allusivos a Neptuno; a lebre a Venus e a Baccho; a cabra ás Nymphas, a Esculapio e a Plutão; o gallo a Esculapio, Marte, Minerva, ao Sol, á Noite e aos Lares, [3] e a nossa patera será um verdadeiro *Pantheon*. Nesta ultima palavra está a sua explicação natural, como agora veremos.

Os antigos não só tinham templos Pantheons, mas tambem divindades Pantheas, isto é, figuras ou estatuas, as quaes, pela pluralidade dos ornamentos, attributos, ou symbolos, apresentam simultaneamente a idéa de muitas divindades. [4] A origem dos Pantheons procedeu do desejo que tinham os povos e os particulares de adorarem juntamente, e terem em seus templos e casas, muitos idolos e deoses tutelares. Para não multiplicarem as figuras e estatuas, imaginaram representar a todos, ou a muitos delles, sob uma só figura, cuja parte principal representava a divindade, ob-

---

[1] Servius. ad Æn. 7. ℣. 519.

[2] Halcyones, Nereidibus gratissima proles
Cunctarum volucrum.

Theocritus.

[3] Ovid. Fast. 1. — Juvenal. Sat. 13.

[4] Vid. *Nicaise*: De Numo Pantheo Hadriani imp. ad illustrem Spanhemium dissertatio.

jecto especial do culto, ornada, porém dos attributos e symbolos de todas as outras divindades, que com ella eram adoradas no mesmo templo ou casa.

É natural que o mesmo que se praticava com os idolos, se praticasse com os instrumentos e vasos sacrificaes, empregados em seu serviço e culto, porque é inverosimil, e até impossivel, que para cada divindade, ou sacrificio, houvesse em cada templo ou casa um vaso distincto: diremos, pois, que os vasos em que estão effigiados differentes ornatos e symbolos representam, não uma ou outra divindade, mas todas aquellas a quem esses ornatos e symbolos eram attribuidos pela liturgia antiga; e que eram communs de todos os sacrificios que se faziam, não só ás divindades nelles representadas, mas a todas as que eram veneradas nos templos ou casas a que pertenciam esses vasos, ainda que nelles não estivessem figurados os symbolos de todas ellas, assim como indistinctamente se empregavam no serviço e culto das mesmas, aquelles em que não estavam representados attributos ou symbolos alguns, que eram os mais communs e usuaes.

Concluiremos por tanto, dizendo, que a nossa patera poderia ter pertencido a um templo de Neptuno, mas não era privativa dos sacrificios deste deos, e sim commum de todos os que nesse templo se faziam a differentes divindades; que, á excepção do tridente, não ha nella um só ornato ou symbolo, que não possa ser applicado a muitos e diversos deoses, e que não temos fundamento algum rasoavel para attribuilos antes a estes do que áquelles.

Lith. de Lopes & Bastos R. N. dos Mtes Nº 12 a 14 Lxª 1850

Inscripção 1.ª

Esta bella pedra sepulchral foi descoberta nu villa de Ferreira, comarca de Thomar, no anno de 1795, e vae segundo a cópia tirada do archivo da academia real das sciencias de Lisboa pelo sr. Manoel José Maria da Costa e Sá.

As tres letras que estão na sanefa da pedra dizem: — *Diis Manibus Sacrum.* — A abreviatura da segunda linha diz: — *Annorum Quadraginta.* — As iniciaes da terceira: — *Hic Sita Est: Sit Tibi Terra Levis.* — As iniciaes da ultima: — *Faciendum Curavit* — ou — *Fieri Curavit.* — E toda a inscripção diz: — *Monumento consagrado aos deoses Manes. Minacia Faustina, de quarenta annos, está aqui sepultada:*

Seja-te a terra leve. Antonio Romulo mandou pôr, esta memoria, *a sua mulher piedosissima*. No lado direito da pedra está em relêvo um vaso lacrimatorio, e no lado opposto está um olho, não bem figurado, que parece desfazer-se em lagrimas. A formula — *Seja-te a terra leve* — passou dos gregos aos romanos, d'estes aos outros povos, e foi muito usada nas Hespanhas.

Queriam branda e mimosa a cama dos defuntos, e para este fim limpavam a terra das sepulturas de todas as pedras e torrões, para que não molestassem os corpos dos mortos, se eram enterrados, ou as cinzas, que mettiam em urnas, se eram queimados; [1] e como seria absurdo, que, depois das precauções com que afofavam a terra, pozessem sobre ella uma pedra, que algumas vezes pezava muitas arrobas, collocavam esta ao lado da sepultura, e nesta posição se acham ainda hoje muitas lapidas sepulchraes; mas tambem se acham algumas sobre os ossos, ou cinzas, e quando assim eram postas obtestavam a pedra para que se aligeirasse sobre os ossos do defunto, como na inscripção de *Arles*, que traz Maffei, e em muitas outras: *Te lapis obtestor leviter super ossa quiescas*. Não contentes com as precauções que tomavam a respeito dos corpos dos defuntos, mettiam em seus jazigos uma attestação do pontifice, qne era como o salvo-conducto, que o morto devia apresentar a *Charonte*, para que sua alma descançasse em paz depois de passar o *Estyge*. Um auctor antigo nos conservou o formulario do salvo-conducto, que é curioso: *Ego Sextus Anicius Pontifex, textor hunc honeste vixisse, Manes ejus inveniant requiem*.

Os moscovitas praticam ainda hoje este costume, e nós, portuguezes, que nos vamos fazendo pagãos ou moscovitas, temos tambem os passaportes dos regedores, que apresentâmos aos guardas dos cemiterios, que são os nossos *Charontes*.

---

[1] O costume de queimar os corpos, entre os romanos, não era antigo, nem depois de introduzido foi geral, como diz Plinio: — *Ipsum cremare apud Romanos non fuit veteris instituti; terra condebantur. At postquam longiquis bellis obrutos erui cognovere, tunc institutum. Et tamen multae familiae priscos servavere ritus.* — Plinio liv. 7. cap. 54. — O mesmo diz Cicero no livro segundo das Leis.

Porque motivo tinham os antigos para com os corpos dos mortos estas attenções, e mil outras, que terei occasião de explicar no decurso d'estes Annaes? Seria ignorancia e superstição; seria sciencia? Tinham a convicção de que os corpos sentiam depois da morte, convicção que parece têem ainda hoje os que cavam fundo na sciencia. Ouvi os mestres della no seculo dezenove:

« O que o vulgo chama corrupção e destruição, não é mais que uma modificação no arranjamento dos principios elementares, uma disposição das mesmas substancias sob outras fórmas; sem que se perca nem destrua um só atomo. É um facto provado pelos trabalhos dos chimicos. » *Herschel* — *Discurso sobre o estudo da philosophia natural* — parte 1.ª cap. 3.º

« A chimica moderna poz em toda a evidencia esta observação importante: as particulas da materia são, por sua natureza, inalteraveis e indestructiveis. » *Pelletan* — *Tractado de phisica geral* — liv. 1.º cap. 1.º

« As moleculas de cada uma das especies de materia elementar subsistem inalteraveis, quanto á sua natureza e quantidade. » *Bory de S. Vincent* — *Diccionario classico de historia natural* — *art. Matière.*

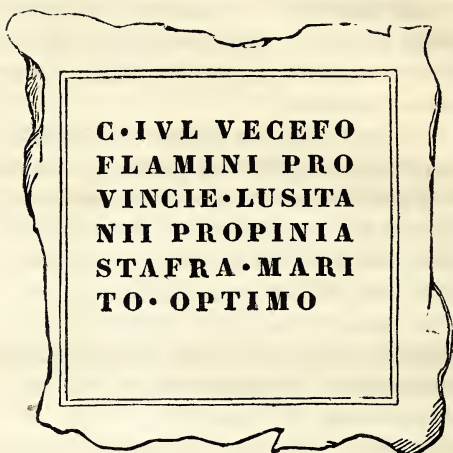
« Os elementos da natureza organica são indestructiveis, como os dos corpos inorganicos. » *Berzélius* — *Tractado de chimica* — tom. 5. part. 2.

Tudo, por tanto, subsiste no mundo phisico, tudo é perpetuo. Os corpos desmembram-se, dividem-se as partes, mudam as fórmas, variam as côres; mas a substancia subsiste inteira.

Sentirão os corpos depois de mortos?

As suas propriedades essenciaes, existem perpetua e inalteravelmente, como subsistem através das alternativas e transformações das cousas o *oxigenio*, o *azote*, a *electricidade*, e todas as substancias elementares.

Nós sentimos quando nascemos, em quanto vivemos, e sentimos ainda quando a mão de gêlo da morte nos quebra o ultimo arquejo. Então cessam, na verdade, todos os signaes de sensação; mas é porque os mortos a não tenham, ou porque cessaram os meios de fazer-nos sentir que sentem???

Inscripção 2.ª

Esta inscripção foi descoberta no sitio de Aremenha, entre Marvão e a serra de S. Mamede, copiada e remettida á academia real das sciencias pelo seu presidente o sr. duque de Lafões, em data de 26 de abril de 1797.

Deve lêr-se: — *Caio Julio Vecefo Flamini Provinciae Lusitanae: Propinia Stafra Marito Optimo.*

Em portuguez: — *Propinia Stafra a seu optimo marido Caio Julio Vecefo, Flamine da provincia Lusitana.*

Devem converter-se em *e* os dois *ii* com que termina a palavra *Lusitanii.* Esta orthographia é frequentissima nos marmores antigos, nos quaes tambem se acha algumas vezes o *ii* dos gregos em logar do *e* dos latinos.

Observações criticas sobre a lapidaria e numismatica, applicadas á geographia antiga.

O estudo da lapidaria e numismatica, além de agradavel e recreativo, é de grande utilidade, não só para a geographia

antiga, mas para a historia civil e politica das cidades. Muitas dellas sepultadas ha seculos em suas ruinas, voltam a interessar a curiosidade, apparecendo de novo com seus nomes e titulos honorificos, com seus deoses e producções nas lapidas e medalhas. Mas o encanto deste estudo e a especie de delirio com que a elle se entregam os antiquarios novéis, poderão arrasta-los a muitos erros, se a prudencia lhes não moderar os impetos, e se não conhecerem as regras, sem as quaes esta sciencia não passará de uma curiosidade vã, que póde ser mais prejudicial do que util á verdade.

La sciencia es locura,
Si buen senso no la cura.

A primeira cousa que se requer é a veracidade, no que diz que achou uma pedra escripta, ou descobriu em tal parte uma medalha. A vaidade humana entra em tudo, e não ha cousa em que tenha tanto podêr, como nas que tocam á litteratura: e se tem havido homens tão falsarios, que se atreveram a forjar chronicas das cousas mais remotas, dando-se por descobridores dellas em bibliothecas e archivos, e attribuindo-as a escriptores da maior antiguidade, tendo enganado por seculos o mundo litterario, e fazendo com que homens, aliàs doutos, mas credulos, enchessem suas historias de tantos contos e fabulas, quanto mais facil não é fingir, que se achou uma lapida ou medalha?

Além da veracidade no achado, requer-se diligencia e muito cuidado na copia: muitas vezes as letras estão gastas; muitas se confundem umas com outras pela similhança; muitas se formam das letras visiveis dicções differentes pelo modo de combina-las; outras vezes, e são as mais, estão escriptas com siglas e abreviaturas, e tudo isto demanda muita pratica e diligencia, sem as quaes succederá que da mesma inscripção, vista por muitos, se tirem copias tão differentes e viciadas, que não será possivel corrigi-las sem recorrer ao original.

Suppostas a verdade no achado, e a exacção na copia, necessita-se de muito juiso e critica, para que a geographia se não confunda com os nomes dos povos, que se acham es-

criptos nas lapidas e medalhas; porque se é certo que estas ultimas, introduzidas no commercio dos povos, correm todas as provincias, e se acham em maior numero, não sempre aonde se cunharam, mas sim aonde estiveram os mercados e praças do commercio, tambem é evidente que se acham lapidas e marmores com os nomes de povos, não só distantes muitas legoas do sitio conhecido que tiveram, mas até em reinos estranhos a que nunca pertenceram. Por toda a Hespanha, França e Italia se acham lapidas com os nomes de lusitanos, e de cidades da Lusitania, e ainda em 1840 *mr. Hase*, membro do instituto de França, communicou á academia das inscripções da parte de *mr. Berbrugger*, bibliothecario de Argel, tres inscripções alli descobertas, em uma das quaes se faz menção de um «*Prefeito da Cohorte* 1.ª *Augusta dos Bracaros*» que *mr. Hase* traduziu erradamente dos *Bragantinos*, dizendo o texto com toda a clareza «*Bracarum.*»

Por estas e outras razões as provas geographicas, que se fundam unicamente nas lapidas, sem o apoio de outros argumentos technicos, estão expostas a muitos erros. Para evita-los, pois, e tirar das lapidas algum proveito, devem ser pezadas com madureza as observações seguintes.

As lapidas geographicas dividem-se em sepulchraes, laudatorias, gratulatorias, dedicatorias, historicas e milliarias.

O achado de uma lapida sepulchral em que se conserva o nome do defunto e o de sua patria, é mui debil argumento por si só para fixar uma cidade onde se achou a lapida, porque os homens nascem em um povo e vão muitas vezes morrer a mil e mais legoas de distancia, aonde seus parentes ou amigos podem consagrar-lhes monumentos sepulchraes. [1] Se, porém, o sitio da cidade antiga é desconheci-

---

[1] As honras sepulchraes consagradas a um defunto distincto, umas vezes eram feitas pela cidade em que tinha nascido, e outras por aquella em que tinha fallecido, desempenhando algum cargo. Esta cidade trasladava á sua custa o cadaver ao logar do seu nascimento, e nomeava na inscripção os decuriões do concelho em que fallecêra, e não os do em que nascêra, e d'este modo se lia o nome da cidade em uma lapida posta a muitas legoas de distancia della.

do, e consta pelos geographos ou historiadores a que provincia e região pertencia tal cidade, e a lapida foi achada dentro dessa região, e em sitio não conhecido pelos antigos com outro nome, já a prova tirada do achado dessa lapida tem mais alguma força.

Uma inscripção honorifica, erigida a um imperador ou magistrado por toda a cidade ou republica, ou por seus decuriões, achada em sitio que não tenha nome, que fosse conhecido na antiguidade, prova muito para suppôr alli a tal cidade ou republica, porque as corporações não procedem com facilidade senão dentro de suas jurisdicções, e para procederem em jurisdicção alheia necessitam de formalidades e permissões, que não se pedem nem se concedem com tanta facilidade.

A pedra achada em *Estoi* (existe hoje em Faro) com o nome de *Respublica Ossonobensis*, prova muito bem que *Ossonoba*, cujo nome não conserva hoje cidade alguma, e que além d'isto se sabe que existia no *Campo Cuneo*, aonde hoje existe *Estoi*, estava no sitio em que foi achada a dita pedra: e provaria do mesmo modo se tivesse sido achada em *Evora* ou *Serpa?* De certo que não, porque estas cidades antigas, e de correspondencias conhecidas, conservam hoje o sitio e o nome que tinham na antiguidade, e claro está que aonde ellas existem e existiram não podia ter existido *Ossonoba*, que, como já dissémos, correspondia ao *Campo Cuneo*.

Se a lapida que se acha concorda com o nome da cidade em que foi descoberta, e não repugna á provincia nem á região, dá uma prova irresistivel de que esteve alli a tal cidade. Taes são as pedras achadas em Evora, com o nome de *Ebora*, e em Serpa, com o nome de *Serpensis*, porque não póde desejar-se prova mais cabal de que estiveram alli as taes cidades, quando não ha argumento positivo em contrario.

Alguns antiquarios fazem distincção entre as lapidas grandes e difficeis de transportar a logares distantes, e as que são de pouco volume. Não carece de verdade esta distincção; mas tambem não deve fazer muita força, se as inscripções e seus achados não concordarem com os demais indicios topographicos, tirados dos geographos antigos, nem com os de

provincia e região. Mil pedras de grande ou pequeno volume, achadas nas margens do Téjo com o nome de *Ossonoba*, nunca provariam que tivesse existido alli esta cidade, porque a doutrina unanime e concorde dos geographos a fixa no *Campo Cuneo*.

Concluâmos, pois, estabelecendo como criterio geographico, a respeito das lapidas e medalhas, as regras seguintes:

1.ª As lapidas com caracteres romanos, gregos ou fenicios, mas que não são geographicas, são prova sufficiente para suppôr que no sitio aonde se acham houve cidade, castello, ou qualquer outro domicilio antigo. Taes são as lapidas achadas em Sines, Cuba e Alfundão: mas não são sufficientes para saber que nome teve aquella cidade ou domicilio.

2.ª As lapidas geographicas, mas sepulchraes, em que se lê o nome da patria do defunto, são um achado feliz para conhecer a existencia antiga daquelle povo, e o seu verdadeiro nome, mas não para fixar seu sitio ou região.

3.ª As lapidas geographicas bem conservadas e copiadas, descobertas em sitios, que conservam o mesmo nome, que nellas está cinzelado, como as de *Evora*, *Serpa*, *Merida*, etc., não havendo doutrina dos geographos antigos em contrario, provam quanto póde desejar-se para fixar alli o sitio das cidades que expressam.

4.ª As lapidas geographicas bem conservadas e copiadas, que têem nomes de cidades de que não fizeram menção os geographos nem os historiadores, ou, fazendo-a, não indicaram a provincia nem a região a que pertenciam, são argumento provavel de ter existido a cidade no sitio em que se achou a inscripção, em quanto se não descobrirem provas, que mostrem o contrario.

5.ª As medalhas geographicas são o mais debil argumento para a topographia, mas são optimos documentos para a orthographia da nomenclatura dos povos antigos.

Com estas regras bem meditadas, e opportunamente applicadas, poder-se-hão evitar muitos erros, e adquirir luzes e conhecimentos preciosos para a topographia das cidades antigas.